



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/06/2021 a 10/06/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

|                   | GRÃO SOJA<br>(US\$/bushel) | FARELO SOJA<br>(US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA<br>(cents/libra peso) | TRIGO<br>(US\$/bushel) | MILHO<br>(US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| <b>04/06/2021</b> | 15,83                      | 396,20                           | 71,34                           | 6,87                   | 6,82                   |
| <b>07/06/2021</b> | 15,60                      | 386,90                           | 70,83                           | 6,80                   | 6,79                   |
| <b>08/06/2021</b> | 15,80                      | 389,80                           | 72,08                           | 6,85                   | 6,80                   |
| <b>09/06/2021</b> | 15,62                      | 386,40                           | 71,59                           | 6,82                   | 6,90                   |
| <b>10/06/2021</b> | 15,44                      | 381,60                           | 70,46                           | 6,83                   | 6,99                   |
| <b>Média</b>      | <b>15,66</b>               | <b>387,78</b>                    | <b>71,26</b>                    | <b>6,83</b>            | <b>6,86</b>            |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| <b>SOJA</b>         | <b>Média*</b> |     |
|---------------------|---------------|-----|
| RS – Panambi        | <b>158,00</b> |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>158,00</b> |     |
| RS – Londrina       | <b>153,00</b> |     |
| PR – Cascavel       | <b>153,00</b> |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>158,00</b> |     |
| MS – Maracaju       | <b>S/C</b>    |     |
| GO - Rio Verde      | <b>162,00</b> |     |
| BA – L.E.Magalhães  | <b>159,00</b> |     |
| <b>MILHO(**)</b>    |               |     |
| Porto de Santos     | <b>95,00</b>  | CIF |
| Porto de Paranaguá  | <b>85,00</b>  | CIF |
| Porto de Rio Grande | <b>S/C</b>    |     |
| RS – Panambi        | <b>86,00</b>  |     |
| SC – Rio do Sul     | <b>90,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>84,00</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>84,00</b>  |     |
| MT – C.N.Parecis    | <b>77,00</b>  |     |
| MS – Maracaju       | <b>S/C</b>    |     |
| SP – Itapetininga   | <b>99,00</b>  |     |
| SP – Campinas       | <b>100,00</b> | CIF |
| GO – Rio Verde      | <b>80,00</b>  |     |
| GO – Jataí          | <b>80,00</b>  |     |
| <b>TRIGO (**)</b>   |               |     |
| RS – Panambi        | <b>84,00</b>  |     |
| RS – Não Me Toque   | <b>84,00</b>  |     |
| PR – Londrina       | <b>82,00</b>  |     |
| PR – Cascavel       | <b>82,00</b>  |     |

Período: 09/06/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 10/06/2021**

| Produto    | milho<br>(saco 60 Kg) | soja<br>(saco 60 Kg) | trigo<br>(saco 60 Kg) |
|------------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| <b>R\$</b> | <b>85,65</b>          | <b>160,53</b>        | <b>83,88</b>          |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
10/06/2021**

| Produto                                       |               |
|-----------------------------------------------|---------------|
| Arroz em casca<br>(saco 50 Kg)                | <b>78,02</b>  |
| Feijão (saco 60 Kg)                           | <b>260,79</b> |
| Sorgo (saco 60 Kg)                            | <b>64,00</b>  |
| Suíno tipo carne<br>(Kg vivo)                 | <b>5,94</b>   |
| Leite (litro) cota-consumo (valor<br>líquido) | <b>1,94**</b> |
| Boi gordo (Kg vivo)*                          | <b>10,64</b>  |

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Maio/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, acabaram trabalhando com viés de alta nesta semana, na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado nesta quinta-feira (10). Além disso, o clima nas regiões produtoras dos EUA continuou sendo um elemento importante nas oscilações das cotações. Após o anúncio do relatório, a cotação para o primeiro mês recuou quase 20 pontos, atingindo a US\$ 15,44/bushel no fechamento deste dia 10/06, contra US\$ 15,49 uma semana antes. A notar que, enquanto o farelo recuava de preço na média semanal, o óleo bateu recorde histórico no dia 08/06, atingindo a 72,08 centavos de dólar por libra-peso naquela Bolsa.

O relatório não trouxe grandes novidades sobre o indicado em maio, apontando os seguintes números para a safra 2021/22:

- 1) A produção de soja dos EUA foi mantida em 119,9 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais estadunidenses foram aumentados para 4,2 milhões de toneladas;
- 3) O preço médio aos produtores estadunidenses ficou mantido em US\$ 13,85/bushel;
- 4) A produção mundial de soja ficou mantida em 385,5 milhões de toneladas;
- 5) Os estoques finais mundiais foram elevados para 92,6 milhões de toneladas, ganhando 1,4 milhão de toneladas sobre o projetado em maio;
- 6) A produção brasileira de soja ficou em 144 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina seria de 52 milhões;
- 7) As importações chinesas de soja foram mantidas em 103 milhões de toneladas.

Em paralelo, o plantio da soja nos EUA, até o dia 06/06, chegava a 90% da área esperada, contra a média histórica de 79%. Em torno de 76% das lavouras semeadas estavam germinadas naquela data, contra 59% na média histórica. Quanto às condições das lavouras, 67% estavam entre boas a excelentes, ficando três pontos percentuais abaixo das expectativas do mercado.

Quanto as exportações de soja pelos EUA, na semana encerrada em 27/05 o volume vendido da safra velha atingiu a 17.800 toneladas, enquanto o mercado esperava algo entre 100.000 e 200.000 toneladas. No acumulado do ano 2020/21 o volume atinge a 65,1 milhões de toneladas, contra 42 milhões na mesma época do ano anterior. Em relação à safra nova (2021/22) as exportações atingiram a 180.300 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. Pela sexta semana consecutiva a China não esteve presente no mercado comprador da safra nova estadunidense. Diante de margens muito ruins para a soja dos EUA, os chineses estão preferindo o produto brasileiro.

Neste contexto, as importações de soja pela China aumentaram em maio. O país asiático comprou 9,61 milhões de toneladas da oleaginosa no mês passado, com alta de 29% sobre o mês de abril, e um pouco acima do que havia sido comprado em maio de 2020. Os chineses compraram mais soja brasileira do que de outros fornecedores. Nos primeiros cinco meses do ano a China importou 38,23 milhões de toneladas de soja, com alta de 12,8% sobre o mesmo período do ano passado. Esperam-se mais 10 milhões de toneladas a serem importadas nos meses de junho e julho.

Enquanto isso, no mercado brasileiro, com o novo recuo do câmbio, que levou o Real a R\$ 5,03 por dólar, e a relativa estabilização das cotações em Chicago, somada a continuidade de prêmios negativos em nossos portos, o preço da soja voltou a recuar. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 160,53/saco, enquanto nas demais praças o preço oscilou entre R\$ 153,00 e R\$ 162,00/saco. No caso do balcão gaúcho, o auge do preço médio da soja ocorreu na última semana de abril, quando atingiu a R\$ 170,90/saco. Portanto, em menos de 45 dias o produto perdeu pouco mais de 10 reais por saco no Estado.

Por enquanto, o mercado continua na dependência maior do comportamento de Chicago, em um contexto em que a comercialização desta atual safra já está bem avançada (75,6% do total), levando os produtores a segurarem nos estoques o produto restante. A atual comercialização está mais lenta, pois no ano passado 88,7% da safra nacional já havia sido negociada nesta data, embora a média histórica seja de 71,5%. Quanto a futura safra (2021/22), a comercialização antecipada atinge a 19,2%, contra 35,6% realizadas no mesmo período do ano passado, porém, acima da média histórica que é de 14% para esta época do ano. (cf. Safras & Mercado)

O número final da recente colheita de soja deverá atingir algo em torno de 137 milhões de toneladas. Neste quadro de uma produção maior do que o esperado, o Brasil deverá aumentar ainda mais suas exportações, podendo chegar a 86 milhões de toneladas em 2021, ou seja, 3 milhões acima do negociado no ano anterior. Por sua vez, o esmagamento de soja no Brasil deverá atingir a 46,7 milhões de toneladas, ficando 150.000 toneladas abaixo do registrado em 2020. Assim, a produção de farelo de soja deverá recuar 1%, se estabelecendo em 35,76 milhões de toneladas, e a de óleo de soja em 9,45 milhões, também com um recuo de 1% sobre o ano anterior. O uso do óleo de soja para biodiesel deverá cair em 3%, ficando em 4,5 milhões de toneladas no país. (cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, a média diária exportada de soja pelo Brasil, na primeira semana de junho, atingiu a 824.800 toneladas, superando as 606.700 toneladas do mesmo mês do ano passado e as 781.110 toneladas da média diária de maio. Mesmo assim, estima-se que o total exportado em junho possa a ser menor do que o registrado em maio, ficando entre 9,6 e 11 milhões de toneladas, contra 11,9 milhões exportadas em junho de 2020. As exportações em maio teriam ficado em 14,4 milhões de toneladas (cf. Anec). Como se pode perceber, as estatísticas divulgadas, entre a Anec, a Secex e analistas privados, têm sido diferentes a respeito dos volumes exportados.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o Brasil, nos primeiros cinco meses do ano, teria exportado um total de 50,56 milhões de toneladas, contra 49,7 milhões em igual período do ano de 2020, segundo a Anec. Já a exportação de farelo de soja deverá alcançar a 1,96 milhão de toneladas em junho, contra 1,39 milhão em junho do ano passado e 1,7 milhão em maio deste ano.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 10/06, subiram nesta semana, fechando este dia 10 em US\$ 6,99/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 6,62 uma semana antes.

O relatório trouxe os seguintes números para o ano 2021/22:

- 1) A produção de milho dos EUA foi mantida em 380,8 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais estadunidenses de milho foram reduzidos em quase três milhões de toneladas, ficando agora em 91,3 milhões;
- 3) O preço médio ao produtor estadunidense foi mantido em US\$ 5,70/bushel;
- 4) A produção mundial de milho foi mantida em 1,19 bilhão de toneladas;
- 5) Os estoques finais mundiais foram reduzidos para 289,4 milhões de toneladas;
- 6) A produção brasileira do cereal fica estimada em 118 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina fica em 51 milhões;
- 7) As exportações brasileiras de milho somariam 43 milhões de toneladas;
- 8) As importações de milho por parte da China somariam 26 milhões de toneladas.

Dito isso, o plantio do milho nos EUA está encerrado, sendo que 90% das lavouras estão germinadas, contra 82% na média histórica. Já as condições das lavouras do cereal, em 06/06, apresentavam 72% entre boas a excelentes, contra a média de 75% para esta época do ano. Outros 23% se apresentavam regulares e 5% entre ruins a muito ruins.

Quanto às exportações, na semana encerrada em 27/05, os EUA totalizaram 531.100 toneladas, ficando bem acima do esperado pelo mercado. O total já negociado no presente ano atinge a 69,1 milhões de toneladas, superando largamente o volume registrado no mesmo período do ano passado. Em relação a safra nova, que acaba de ser semeada, o total vendido atingiu a 439.500 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado, sendo a China o maior comprador do milho estadunidense.

Além do relatório do USDA, o mercado continua atento à evolução do clima nos EUA e no Brasil, algo normal nesta época do ano, especialmente porque haverá quebra importante na safrinha brasileira.

Já no Brasil, os preços do cereal estabilizaram. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 85,65/saco, enquanto nas demais praças os preços oscilaram entre R\$ 77,00 e R\$ 99,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) voltou a recuar para R\$ 100,00/saco.

Na prática, os preços do milho no Brasil têm apresentado comportamentos diferentes conforme a região. Em alguns locais os preços sobem, em outros baixam, devido as condições locais de oferta e demanda. Sempre é bom lembrar que a tensão no mercado é maior em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados que não possuem safrinha significativa e que registraram perdas importantes na última safra de verão, sendo naturais importadores do cereal.

Por enquanto, ainda há incógnita quanto ao tamanho da safrinha que o país terá neste ano, mas a mesma será bem menor do que o inicialmente esperado. Por enquanto, em função disso, os números totais de produção de milho no país, somando todas as safras e regiões, apontam para um volume entre 90 e 95 milhões de toneladas.

Por sua vez, em relação às exportações, nos primeiros três dias úteis de junho o Brasil exportou 710,7 toneladas de milho, ficando com uma média diária de 236,9 toneladas,

ou seja, 98,4% menor do que o registrado em junho de 2020. Em termos gerais, a maioria dos analistas privados presentes no Brasil consideram que a exportação total de milho neste ano fique entre 21 e 26 milhões de toneladas.

Em termos estaduais, no Rio Grande do Sul a colheita do milho de verão chega ao fim, devendo faltar 5% da área semeada. Enquanto isso, no Mato Grosso, além da quebra na safrinha, a preocupação agora é o custo do frete, o qual apresenta uma alta de 17,4%, sobre a média dos últimos três anos, e de 16,2% sobre o ano passado. E na medida em que se dá o início da colheita da safrinha, este custo tende a subir. Já no Paraná, a colheita da safrinha estacionou em 1% da área total, sendo que 61% desta área está em frutificação. Quanto à qualidade dessas lavouras, 22% estão boas, 46% regulares e 32% ruins. A produção estimada no Paraná já recuou para 8,55 milhões de toneladas, com a produtividade sendo a mais baixa dos últimos 11 anos. E no Mato Grosso do Sul apenas 6% das lavouras estão em boas condições, com 59% regulares e 35% ruins (na semana anterior havia 23% das mesmas em estágio ruim). Neste Estado a produção da safrinha ficaria em 6,96 milhões de toneladas, com a menor produtividade em 10 anos. Já em Minas Gerais a safrinha ficará em apenas 1,96 milhão de toneladas, enquanto no Mato Grosso a mesma recuou para 33,5 milhões. (cf. Geosys Brasil)

A título de curiosidade, vale indicar que o cultivo de milho brasileiro teve sua produção concentrada na safrinha apenas nos últimos anos. Nas primeiras cinco safras da década de 2000, a área de milho safrinha representava apenas 24% do total colhido, contra 76% da produção de verão. Já nas últimas cinco safras (de 2015/16 a 2019/20), o milho safrinha passou a representar 71% da colheita, contra 29% do milho verão. Desde então se justifica trocar o nome da safrinha para segunda safra.

Essa mudança trouxe consigo um componente de risco para a oferta do milho, que é o desenvolvimento da lavoura no período de redução de chuvas no segundo trimestre. A janela de semeadura ideal para o cultivo do milho segunda safra é bastante estreita e o plantio fora desse intervalo já é conhecido pelos produtores experientes.

Para a safra 2020/21, segundo relatório do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária, até o final de fevereiro de 2021, produtores de Mato Grosso tinham semeado 54,66% da área esperada, contra 91,9% na temporada anterior (2019/21). No Paraná, relatório do início de maio da Seab/Deral indicou que 44% das lavouras estavam em floração e frutificação, e 52% em desenvolvimento.

Enfim, o Cepea, via o projeto Campo Futuro, calculou qual é a produtividade de nivelamento capaz de saldar os custos de produção do milho segunda safra de 2020/21. Para isso, foram considerados os valores médios dos insumos entre julho e dezembro/20. Quanto ao preço de comercialização, a simulação do Cepea considerou que 50% da produção foi vendida antecipadamente – entre agosto e dezembro de 2020 – e, para os outros 50%, foi considerado o valor médio do cereal em abril de 2021. No geral, o que se observou foi que, embora o clima ameace o rendimento das lavouras de milho segunda safra, os atuais valores de comercialização do cereal devem compensar os custos de produção e gerar remuneração aos produtores, mesmo quando considerado que vendas antecipadas foram realizadas a preços menores que os praticados em abril. A maior preocupação está relacionada às lavouras do Paraná, que, dependendo da quantidade colhida, não saldará o custo de produção.

Assim, na região de Sorriso (MT), o estudo estima que para se pagar o Custo Operacional Efetivo, a segunda safra de milho deve resultar em uma produtividade média de 41 sacos/hectare. Já para cobrir o Custo Total a produtividade deve alcançar 54 sacos, considerando um valor médio a ser recebido pelo saco de milho de R\$ 64,72. Lembrando que nos últimos cinco anos a região registrou uma produtividade média de 108 sacos/hectare. Para este ano, diante dos problemas climáticos, espera-se 101.4 sacos/hectare.

Já na região de Rio Verde (GO) a produtividade média para cobrir o Custo Operacional é de 34 sacos/hectare, e para o Custo Total 48 sacos, considerando o preço médio a ser obtido em R\$ 73,13/saco. A produtividade média das últimas cinco safras foi de 98 sacos/hectare. Caso o clima siga seco na região, a redução de produtividade pode ser de 30% a 40% neste ano, em relação a média, ficando entre 58,8 e 68,6 sacos/ha.

Na região de Cascavel (PR) o estudo apontou que a produtividade média necessária para pagar o Custo Operacional Efetivo é de 42 sacos/hectare, enquanto para o Custo Total a mesma sobe para 72 sacos, considerando o valor médio a ser recebido pelo produtor local em R\$ 74,91/saco. A produtividade média da segunda safra na região, nos últimos cinco anos, é de 94 sacos/hectare. Considerando que o clima pode levar a uma perda de até 40% na atual safra, a produtividade cai para 56,4 sacos/hectare. A mesma paga o Custo Operacional, porém, fica longe de cobrir o Custo Total.

Enfim, na região de Dourados (MS), a cobertura do Custo Operacional exigirá uma produtividade média de 31 sacos/hectare, enquanto para o Custo Total a mesma sobe para 46 sacos/hectare, considerando um preço médio a ser recebido pelo produtor de R\$ 70,66/saco. A produtividade média dos últimos cinco anos atingiu, na região, a 77 sacos/hectare. Considerando que na atual safra o clima pode levar a uma perda de 40% na produtividade, a mesma cairia para 46,2 sacos/ha. Nestas condições, seria possível pagar o custo operacional com sobras, porém, os ganhos apenas empatariam com o custo total.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram um pouco durante esta semana, fechando a quinta-feira (10/06) em US\$ 6,83/bushel, contra US\$ 6,76 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado neste dia 10/06, apontou os seguintes números para a safra 2021/22:

- 1) A produção estadunidense de trigo foi aumentada em quase um milhão de toneladas, ficando agora em 51,7 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais de trigo nos EUA passaram a 21 milhões de toneladas, praticamente sem alterações em relação a maio;
- 3) O preço médio ao produtor estadunidense foi mantido em US\$ 6,50/bushel;
- 4) A produção mundial de trigo foi aumentada em quase 6 milhões de toneladas, passando a 794,4 milhões de toneladas;
- 5) Os estoques finais mundiais ganharam quase dois milhões de toneladas, passando a 296,8 milhões de toneladas;



- 6) A produção da Argentina deverá atingir a 20,5 milhões de toneladas e suas exportações 13,5 milhões;
- 7) A produção brasileira de trigo atingiria a 6,8 milhões de toneladas, enquanto as importações do Brasil subiriam para 7 milhões de toneladas;
- 8) As importações chinesas de trigo somariam 10 milhões de toneladas.

Dito isso, no dia 06/06 a colheita do trigo de inverno nos EUA atingia a 2% da área semeada, contra 7% na média histórica para esta data. As condições das lavouras a colher apresentavam 50% entre boas a excelentes, 32% regulares e 18% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera estava com seu plantio encerrado, enquanto as condições de suas lavouras apresentavam 38% entre boas a excelentes, 37% regulares e 25% entre ruins a muito ruins.

Por sua vez, as exportações de trigo 2020/21 dos Estados Unidos, na semana encerrada em 27 de maio, totalizaram um cancelamento de 33.300 toneladas. Os números recuaram fortemente em relação à semana anterior e à média das últimas quatro semanas. O destaque fica por conta de compras brasileiras de 16.500 toneladas de trigo estadunidense. Já para o ano comercial 2021/22 o registro de exportação chegou a 398.300 toneladas, sendo que 105.500 toneladas foram para as Filipinas. Assim, considerando as duas safras somadas, o total exportado de fato chegou a 365.000 toneladas. Já os embarques totalizaram 243.200 toneladas, ficando 56% abaixo da média das quatro semanas anteriores.

Por outro lado, as inspeções de exportação na semana encerrada em 3 de junho somaram 418.547 toneladas, ficando acima do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, iniciado em 1º de junho, as inspeções somam 128.874 toneladas, contra 235.496 toneladas no acumulado do ano comercial anterior, nesta data.

E aqui no Brasil os preços do trigo estacionaram, com algum viés de baixa. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 83,88/saco, enquanto no Paraná o produto ficou em R\$ 82,00/saco. O ritmo de negócios continua lento, enquanto os compradores esperam novas valorizações do Real visando importar trigo mais barato. Em relação há um mês atrás, o preço médio no Rio Grande do Sul está 1% mais elevado, enquanto no Paraná o mesmo está 7,3% mais baixo.

Neste sentido, segundo a Secex, em maio o Brasil importou 591.030 toneladas de trigo, com um aumento de 20,5% sobre maio do ano passado. Esta realidade força uma redução nos preços internos do cereal.

Por outro lado, o plantio no Paraná está em torno de 80% da área esperada, a qual deverá alcançar a 1,17 milhão de hectares, com um aumento de 4% sobre a área do ano anterior. Cerca de 91% das lavouras semeadas estavam em boas condições no início da presente semana. Já no Rio Grande do Sul o plantio do trigo ultrapassa os 50% da área esperada, a qual deverá crescer em até 15%, chegando a 1,1 milhão de hectares.

Na Argentina, o plantio atinge a 17% da área esperada, a qual deve chegar a 6,5 milhões de hectares, estando atrasado em relação ao ano anterior.